

Assi que só para mim:

os *Papéis da prisão*, de José Luandino Vieira*

Francisco Topa
CITCEM / U. Porto

É para mim uma honra imerecida dizer algumas palavras sobre um volume daquele que eu considero um autor maior da língua portuguesa: José Luandino Vieira, um dos fundadores da literatura angolana, não apenas pelos textos que tem escrito e pelos livros que tem publicado, mas também pelo seu papel na criação de condições para que outros o fizessem e façam (no Tarrafal, na fundação e na direção da União dos Escritores Angolanos) e pela sua importantíssima atividade de editor (designadamente a mais recente, a do projeto Nossomos, de que encontramos sinais nestes *Papéis*, p. 338). A posição que Luandino Vieira ocupa na literatura angolana não é dissociável da participação que teve – e pela qual nunca reclamou medalha, mas da qual também nunca se envergonhou – numa luta que nos vem fazendo a todos, angolanos e portugueses, um pouco melhores do que os nossos antepassados.

Dito isto, acrescentaria outra nota prévia: não me é fácil falar deste *Papéis da prisão*. Por várias razões: pela natureza do livro, pelo seu conteúdo e pelas reações que ele me despertou, evidentemente; mas antes e acima de tudo porque não saberei corresponder à generosidade e à grandeza de alma que a anuência à sua publicação traduz. É possível que haja alguém que veja no gesto uma espécie de acerto de contas, que poderia ser encarado como um ajuste do autor consigo mesmo ou, retomando as personagens do volume, do Luandino com o Zé. Nessa linha de ideias, o autor estaria aliás a pôr em prática um dos aforismos que deixou em *O livro dos guerrilheiros*: «É que as lições da vida têm de ser sempre passadas a limpo, só

* *Papéis da prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Lisboa: Caminho, 2015.

nossa morte é quem pode ficar em rascunho.» Eu vejo contudo nesta edição uma coisa diferente: um gesto de despojamento e de renúncia máximos, ainda uma vez colocados ao serviço do outro, de nós – angolanos e portugueses, velhos e novos, qualquer que seja o nosso grau de interesse pela literatura e pela história.

É que este livro, sendo parente da autobiografia e de outras formas da escrita do *eu*, é algo de bem diferente: para falar em linguagem dos nossos dias, é uma espécie de *reality show* em que o seu autor surge diante de nós quase nu, defendido apenas pelo manto da escrita. E trata-se de um autor que não está a fazer pose de herói nem a escrever para um futuro que sabe que será radioso. Em vez disso, o sujeito da escrita é frequentemente o Zé, que fala com L. (e/ou K.) através da escrita ou que escreve agora para mais tarde falar com L.. E esse sujeito vai assim revelando toda a grandeza e toda a pequenez de um amante apaixonado, de um marido e de um pai, progressivamente menos jovem e menos forte, mas sempre atento às suas contradições e conservando uma capacidade de autoanálise que quase fere o leitor. Um exemplo dos anos de Luanda, apontado a 3 de fevereiro de 1963:

Uma pequena tristeza, de ontem até logo à visita: O meu excesso de susceptibilidade, a grande ânsia de viver tudo com a K. que me faz querer compartilhar tudo com ela, mesmo aqui dentro, sempre que possível. Por isso fiquei triste, q.do a vi dizer-me que tinha feito um talão de Totobola. Jogávamos os dois, acabámos por decidir não jogar mais. Fiquei triste por não participar nesse acto da K. (p. 126)

Outro exemplo do mesmo ano, a 19 de maio:

Enfim, c/ 28 anos senti-me absolutamente um destroço, q. não serve para nada e q. se acha compensado, em excesso mesmo, pela felicidade que já teve nos anos de vida com a K. e que mais não merece. Posição egoísta que só vê o que se passa com ele, querendo esquecer que a felicidade é uma rede de acções, reacções e interacções entre mim e a K., o Xexe, e o mundo. (pp. 292-3)

Um último exemplo, de 15 de junho de 1967, já no Tarrafal:

– (1) 5.^a feira: – cabe-nos lavar a roupa, tenho as mãos cheias de sabão, o calção é renitente e a habilidade pouca e de repente chamaram-me vou com as mãos cheias de sabão, limpo-as aos blujines antes que me caia nas mãos a carta. Leio: fotos e não ousou abri-la. Tenho medo. Primeiro comerei o pão c/ doce de tomate que eu mesmo fiz, beberei o café com leite. Depois arrumo tudo, ponho a carta à frente de mim e começo a tremer com as mãos. Estou velho? Abro-a com uma ansiedade de colegial apaixonado – há palavras, vida e seres que me chegam. Quero chorar e só o coração está pesado e dolorido. Sobre a alegria logo a angústia do tempo correndo sobre tudo

que recebo e dou. Ah, mas vale a pena estar preso para sentir esta felicidade que me vem de vós! (pp. 804-5)

Este sujeito que assim se expõe tem momentos que só em aparência são contraditórios. De facto, o empenho para obter autorização, em 1967, para gravar em fita magnética a história de «O lobo e o coelho» que escreveu para o aniversário do filho estão também na base desta reflexão amarga de maio de 1970:

Mas o que mais me doeu foi a redacção do Xexe: escreve bem. E isso numa criança de 9 anos é tão revelador. Ele devia escrever mal – mas já não é uma criança, mataram-na. É isso: no sistema educacional dessas sociedades as crianças não se desenvolvem; são desenvolvidas. E são desenvolvidas como os pintos nas criadeiras: ou para carne ou para ovos – para a guerra ou para o negócio. Eles matam tudo, tudo. (p. 950)

O carinho com que evoca a mãe ou regista a chegada de uma carta ou foto suas estão também na base de observações, só em aparência frias, como esta, de fevereiro de 1963:

M/ mãe, mesmo plantada há muitos anos numa sociedade colonialista, manteve-se sempre a camponesa que era – com todos os defeitos ancestrais dos camponeses, com todas as suas naturais qualidades. A ordem colonial pouco actuou sobre ela. (p. 140)

Também o desânimo total que regista em julho de 1966 – «Um vazio. Uma náusea, um aborrecimento constante de tudo e todos. Nem vontade de ler, sequer.» (p. 749) – não é incongruente com a irritação que lhe chega a 14 de março de 1963:

Já há muito que não tinha uma “crise” de irritação como a de hoje; quase me fez chorar... logo de manhã estes bárbaros resolveram cortar as árvores que havia na parada! Doeu-me como se me cortassem dedos. (p. 470)

Nem com a decisão de 23 de maio de 1970:

Pois ainda há dias, todos sem excepção, se vacinaram contra a tuberculose. Eu não fui: acho perfeitamente inútil não morrer de tuberculose, se tiver de ser, para morrer atropelado ou fuzilado. Para ter que morrer, enfim. (p. 954)

Por outro lado, o livro permite-nos acompanhar (ou assistir em direto, se quisermos manter a imagem televisiva) ao crescimento e consolidação da outra perso-

nagem: Luandino, o escritor e o militante nacionalista que começa a escrever para resistir e a quem se poderia aplicar o título de Gabriel García Márquez, com uma alteração na ordem das palavras – *Contarla para vivir*, em vez de *Vivir para contarla*. Um autor que, diferentemente do Jorge Semprún de *L'écriture ou la vie*, opta claramente pela *écriture et la vie*, ou até pela *écriture comme vie*. E que por isso começa por intitular estes escritos como *...Ontem, hoje, amanhã... – Apontamentos* –, com uma confiança, uma convicção, uma força que se nota também numa série de outros elementos paratextuais e que os fac-similes a cores incluídos no livro mostram bem. Nesse projeto, militante e escritor são duas faces da mesma moeda e é tão importante registar o dia a dia da prisão, a entrada e saída dos encarcerados, os interrogatórios e as torturas, os bilhetes dos companheiros, como é importante ler, refletir, colher apontamentos, formular planos para utilização literária posterior. Por isso estes *Papéis da prisão* contêm material muito rico para a grande e a pequena história (de Angola, de Portugal, da Guiné e de Cabo Verde, da luta anticolonial e antissalazarista), mas também para a sociologia, a psicologia e os estudos literários e linguísticos.

Pelas frestas que nos oferecem, os *Papéis* dão-nos a alegria da surpresa (ou não) perante o rigor e o equilíbrio com que Luandino, ainda nas prisões de Luanda, observa e interpreta o “121”, o guarda auxiliar da PSP António Manuel da Silva, e alude ao «significado de todas as contradições que representa» (p. 53). Na mesma linha se situam as observações que faz mais tarde sobre o último diretor do Campo de Chão Bom, Eduardo Vieira Fontes, igualmente conhecido como Dadinho. Também aqui a objetividade da análise não fica comprometida pelo conforto de um gesto inesperado, no dia de aniversário de Luandino em 1969:

Fui surpreendido ao meio-dia por um bolo que me enviou o sr. director! Fiquei, por momentos, aparvalhado sem saber o que dizer ou fazer e ainda não estou em mim – quero perceber para além do calor humano de tais gestos, o que os dita: o cristianismo sincero ou a morabeza étnico-social cabo verdiana? (p. 885)

É essa mesma capacidade de leitura dos sistemas e das relações sociais que impede Luandino de ceder ao desânimo perante certas atitudes e comportamentos dos seus companheiros, que acaba por aceitar como «pequeno burgueses assimilados com todos os defeitos do colonialismo e do tradicionalismo» (p. 748). Isso não impede contudo que surjam momentos de desânimo:

Ouvindo as constantes críticas, intolerâncias e maldizências (maledicências) do chief, fico triste. Triste por ver como os homens se reduzem, tornam opacas suas qualidades e cultivam as diferenças, as discriminações. Mas é mesmo difícil tolerar outrem, dar-se conta da nossa transitoriedade, unirmos nossas vontades para uma vida de paz e tolerância? (p. 973)

Na entrevista que encerra o volume, o autor de *Macandumba* conserva a mesma agudeza de análise e a mesma serenidade, explicando assim as mudanças operadas pelo Tarrafal:

Há o mar e o inimigo é a natureza contra a nossa condição de seres humanos. Ali estávamos isolados da nação, o que deu origem a que nos virássemos para dentro de nós. O Tarrafal é a prisão em mim. Virámo-nos para dentro. (p. 1049)

Mais numerosos são os materiais de natureza literária, linguística e também plástica. Graças a eles temos a confirmação da vocação omnívora do escritor, que guarda para utilização posterior material muito diverso (recortes, apontamentos sobre ditos e anedotas do quotidiano, observações linguísticas, elementos folclóricos, ideias, esboços). Temos assim oportunidade de perceber e de acompanhar a génese e o desenvolvimento de personagens e de histórias (como as de *Luuanda*); ficamos a saber de onde vem a opção pela forma da *estória*, mais próxima do musosso tradicional e anterior à leitura de Guimarães Rosa; entrevemos o imenso trabalho que está por trás da linguagem luandina, a partir de registos como o do verbo *irvir* (p. 812; se não me falha a memória, aparece em *João Vêncio* como *irivir*); de um apontamento como este: «por um *triz* – usar *triz* como adjectivo: escapou tão *triz* do perigo que...» (p. 831); ou de uma observação acerca de um neologismo criado por um dos seus alunos do curso de alfabetização: *rejuvenascer* como antónimo de *envelhecer* (p. 973). Ou então através de reflexões sobre vocábulos, como esta a propósito de *amigar*, datada de março de 1963:

qto. a mim exprime bem um amor total, aquele em que ambos se reconhecem amigos e amigam, i.e. fazem do seu amor uma amizade para todos os amores e seres do mundo. (p. 160)

Além disso, acompanhamos muitas das leituras que o autor vai fazendo e percebemos a sua inteligência crítica em passagens como esta:

Gaspar Simões persiste, nas suas crónicas, em des-valorizar o «Grande Sertão: Veredas» por, segundo ele, carência de elementos novelísticos afogados ou preteri-

dos pela paixão linguística. Diz mesmo que não é verosímil aquela linguagem em rústicos. Não compreendo como ele pode insistir assim, nesta visão. Ou não leu ou lendo não “compreendeu”. Enquanto não perceber que a linguagem é, no livro, também personagem de ficção, é matéria ficta, recriada portanto pelo autor. Que o romance se tornou assim mais autónomo, que o escritor ganhou mais liberdade – a de fazer inclusivé também as ferramentas com que vai fabricar o objecto... Aliás eu estou convencido de que nós, os de Angola, lemos com mais facilidade este autor do que os universitários portugueses (recordo as leituras aqui na caserna sobretudo a compreensão e sensibilidade do Sousa). (p. 911)

Vemos também, não sem alguma tristeza, como certos projetos acabariam por não ser concretizados, pelo menos até hoje. E ficamos assustados com impulsos como estes, sinalizados aliás por um certo desânimo que vai aumentando com a passagem dos anos e se traduz também na rarefação dos apontamentos ou na mudança do título dos cadernos para *Breves Notas*:

A ideia salta-me às canelas como cão raivoso, no passeio, e sinto o sangue refluir num doce prazer, imaginando, vendo tudo: um enorme auto-de-fé, todos os livros, cadernos, apontamentos, trabalhos, pastas de correspondência, até não ficar a mais pequena folha em branco ou escrita diante dos olhos; partir, quebrar, deitar fora tudo quanto sirva para escrever, registar ideias. Tudo – ficar apenas com o viver físico, o momento eterno, a natureza e nunca pensar no segundo seguinte... Outra ainda: sair no máximo segredo, nunca mais ver ninguém conhecido, mudar de identidade, empregar-me em trabalhador braçal, – nascer de novo, morrer de vez. (p. 906)

Felizmente, pelo menos para nós, seus leitores, isso não aconteceu. Felizmente que, entre tanto desconcerto, houve pessoas como nhá Ana, cuja língua Luandino soube apreender e homenagear com a subtilidade de João Vêncio:

(...) o meu pai falava que ele era de terra de fome e só pintava o paradiso: mel e fruta e leite e revoar de pássaros. Ou era a língua dele, as mansas palavras viravam tudo bonito que ele falava? (JV, pp. 30-1)

Terminada a leitura deste livro, percebemos, uma vez mais, outro belo aforismo de Luandino Vieira em *O livro dos rios*: «Que o futuro é o que vem atrás, me persegue sempre: nossa luta – um dia, sei, vai me agarrar: morreréi.»

Uma palavra final sobre o bellissimo trabalho da equipa que desenvolveu o projeto de que resultou o livro *Papéis da prisão*, formada por Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva e Roberto Vecchi. É irrepreensível o modelo de edição, como é irrepreensível o enquadramento dos textos, a sua apresentação e a reflexão crítica sobre eles. Menos inquestionável me parece, e perdoe-se-me a sinceridade, o

objeto editorial. Tem muitas virtudes, designadamente um bom trabalho gráfico, uma excelente reprodução de documentos importantes (manuscritos, datiloscritos, colagens, desenhos, tanto a preto e branco como a cores), mas não deixa de ser aquilo a que, à brasileira, poderíamos chamar um *tijolaço*. É certo que esse formato pode ser entendido como uma espécie de resposta, irónica, que a história acabou por dar: os frágeis papéis resistiram e, meio século depois, aí estão, transformados em pedra angular de um mundo ainda em construção. É certo também que *Tijolaço* é o título de um importante *blog* da esquerda brasileira... Apesar disso, não só não é fisicamente cómoda a leitura de um livro com mais de mil páginas, como o próprio tamanho pode constituir um fator dissuasor da leitura. Mais importante do que isso: perdeu-se a ideia de precariedade, de risco, de fragmentário. Haveria alternativa? Bem sei que uma edição destas não deve ser barata e que a Fundação Gulbenkian não tem hoje o esplendor de outros tempos, sendo pois quase impossível publicar o material sob a forma de 18 cadernos com características físicas idênticas às dos originais. Mas talvez não ficasse demasiado cara uma solução intermédia que consistiria na sua distribuição por dois volumes, com um formato mais próximo dos materiais de partida, correspondentes aos dois espaços/momentos por que os *Papéis* se repartem, Luanda e Tarrafal.

Seja como for, o importante é que os textos vieram a público e com eles vieram muitas respostas, mas também novas perguntas. Termino voltando ao início e agradecendo a Luandino Vieira, como seu leitor e como cidadão português, a generosidade destes *Papéis*. E faço votos para que ele continue, na Babilónia presente, a sentir o que escreveu pela boca de João Vêncio: «Eu digo: Luanda – e meu coração ri, meus olhos fecham, sôdade. Porque eu só estou cá, quando estou longe. De longe é que se ama.».

Porto, 4 de fevereiro de 2016